

"A Traição"

M 524
Radio 9.6.62

Elefantes e Cegonhas

RUBEM BRAGA

1232
(DE um caderno do Marrocos, 1962) — Dizem os livros antigos e os livros sobre coisas antigas — como o de Jerome Carcopino, da Academia Francesa — que a maior praga da lavoura de Rabat antigamente era... elefante. Havia hordas imensas de elefantes nas planuras do Bu Regreb. Um elefante, como se sabe, incomoda muita gente; centenas, milhares de elefantes invadiam as lavouras e aldeias e deviam incomodar demais. No tempo dos romanos, eles começaram a ser caçados, e os homens mais ricos do lugar eram comerciantes de marfim.

Mas ninguém cuidou de proteger a mercadoria; hoje nem para remédio se encontra um elefantezinho entre o Mediterrâneo e o Saara... Por sinal, agora eu me lembro de um professor de Português muito conhecido, que havia em São Paulo, e que ensinava aos alunos a dizer Saará, com acento na última sílaba. O homem era português de nascença e seu argumento era impressionante: «lá, no deserto, se diz Saará». Até que eu acreditei, embora continuasse a dizer Saara, pensando comigo mesmo que o português podia ter razão, mas no Brasil Saará é Saara, e acabou-se. Pois o português não tinha razão coisa alguma. A gente do deserto diz mesmo é Sahara, com um h aspirado, de maneira que, se a gente quisesse imitar, mais ou menos, a pronúncia deles, teria de escrever era Sarrara, já que não temos o h aspirado.

Aliás, eu acho que é tempo de haver uma reunião de filólogos portugueses para assentar a grafia das palavras estrangeiras; quantas vezes não escrevemos à francesa uma palavra árabe ou russa, acumulando os vícios de duas traduções? E reivindico, de saída, a grafia Rabate para esta cidade, visto que os árabes pronunciam o t final; escrevendo Rabat, à francesa, a gente não pronuncia o t, e o resultado é que o nome da cidade facilita uma porção de trocadilhos de mau caráter, o que deprime um tanto a pessoa que é embaixador local.

Mas eu ia falando de elefantes... Bem, o que eu queria dizer é que se alguém fôsse fazer antigamente um brasão, um escudo para Rabat, teria de pôr lá um elefante, como o animal mais típico da região; hoje, acho que seria a cegonha. Não que haja milhares; mas as que aparecem, vindo no começo do inverno da Alemanha, fazem tão boa figura, que mereceriam a honra. No campo, a gente às vezes vê uma andando pausada e gravemente, ou planando a grande altura, muito alva, com as pontas das asas pretas; mas nas ruínas de Chella, uma delas fez seu ninho no alto do minarete de seis sculos; e, na entrada dos jardins da Udaia, outra não apenas se instalou na torre mais alta, como fica a se exibir lá em cima, imóvel sobre uma só pata, indiferente ao movimento dos muçulmanos e cristãos cá embaixo, sobranceira e soberana, como se quisesse virar estátua. Um amigo meu disse desconfiar que ela paga pela Prefeitura ou pelo Ministério de Turismo para dar plantão ali, nas tardes de sol.

Sim, porque o Marrocos tem isso que nos falta: um Ministério de Turismo, para promover o turismo em escala nacional, para evitar que prefeitos ignorantes estraguem a beleza de cidadezinhas atraentes, como tem acontecido com tantos cantos do Brasil... Mas eu prometi escrever sobre os passarinhos do meu quintal e acabei falando do Brasil, de Ministérios — desculpem tudo isso, e mais os elefantes, e até outro dia.

PS. — Lembrete para os colegas do Rio: amanhã é dia de ir ao Sindicato dos Jornalistas, na sede da ABL, votar na chapa Joel Silveira.

DN-18.7.67

311